



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

RAMIRO DUARTE ALCANTARA DA SILVA

**GRANDE MAR INTERIOR: RELATOS ARTESANAIS EM
AUDIOVISUAL NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS**

São Francisco do Conde

2017

RAMIRO DUARTE ALCANTARA DA SILVA

**GRANDE MAR INTERIOR: RELATOS ARTESANAIS EM
AUDIOVISUAL NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza

São Francisco do Conde

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Ramiro Duarte Alcantara da.

S583g

Grande mar interior: relatos artesanais em audiovisual na Baía de Todos os Santos / Ramiro Duarte Alcantara da Silva. - São Francisco Conde, 2017.

25f.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Santos Souza.

1. Baía de Todos os Santos - História. 2. Lugares - Mundo.
3. Relatos. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 777.830981

RAMIRO DUARTE ALCANTARA DA SILVA

**GRANDE MAR INTERIOR:
RELATOS ARTESANAIS EM AUDIOVISUAL NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 26/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Santos Souza – Orientadora

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Mariana Petroni – Examinadora

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Juliana Barreto Farias – Examinadora

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo - USP
Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Ao pai e amigo José Mendes da Silva.

AGRADECIMENTOS

Para todos aqueles que neste caminho, foi parte. Mendes, Kátia, Gui, Luiza, Semirames, Gu, Jão, Tia Rita, Beatriz Borges, D. Nilza, Professora Cristiane Souza, Professora Juliana Barreto, Lauro José Cardoso, Dona Joca, Zé do Guaiamum, Dona Rita, Seu Hamilton, Dêra, Felipe Emídio, Zé do Mercadinho, Thiago Cardoso, Professor Rafael Buti, Fernanda Souza, Odinei, Jailda.

“Ninguém experimenta a profundidade de um rio com os dois pés.”

(Provérbio africano)

RESUMO

Este artefato textual é complemento do ensaio fílmico *Grande Mar Interior – relatos artesanais em audiovisual na Baía de Todos os Santos*. Tem a intenção de refletir e dialogar o conceito de “Lugares – Mundo” através dos relatos de moradores das comunidades de Caboto, Rio do Cunha e Porto Dom João. O conceito busca perceber os entrelaçamentos entre humanos e não – humanos (re)criando os lugares de vida do lugar. Através do conceito e da visualização dos relatos no ensaio fílmico, pensa-se a ideia de paisagem, criada pelo Antropólogo Tim Ingold.

Palavras-chave: Audiovisual. Baía de Todos os Santos – História. Lugares – Mundo. Relatos.

ABSTRACT

This textual artifact complements the film essay Grande Mar Interior - artisanal reports in audiovisual in the Bay of All Saints. It intends to reflect and dialogue the concept of "Places - World" through the reports of residents of the communities of Caboto, Rio do Cunha and Porto Dom João. The concept seeks to understand the interweaving between human and non-human (re) creating the Places of life. Through the concept and visualization of the stories in the film essay, one thinks of the idea of landscape, created by the Anthropologist Tim Ingold.

Keywords: Audio-visual. Baía de Todos os Santos – Story. Places – World. Reports.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O ROTEIRO.....	15
3	O ENSAIO FÍLMICO.....	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	Referências.....	24

1 INTRODUÇÃO

Muitos caminhos foram iniciados nas leituras e pesquisas neste percurso acadêmico na busca pela definição do trabalho de conclusão de curso. Foram temas iniciados e não continuados, porém importantes para minha formação enquanto estudante e pesquisador. Na iminência por pensar e definir o tema havia uma certeza: o trabalho teria o foco nas comunidades que utilizam de forma artesanal os recursos naturais como meio de subsistências, observando ou tentando observar a vida das pessoas que vivem e fazem parte delas; entender seus modos de (re)criar o mundo, vivendo, sentindo e colaborando de alguma forma com o lugar, retribuindo essas experiências de vida e sentimentos com todos.

As questões dos povos originários, seus territórios, conflitos diversos, invisibilidade e tantos outros problemas que as cercam, me fez adentrar nas leituras em torno do tema e esboçar o pré-projeto; ano 2015. Trabalharia com os Tupinambá de Olivença, no sul da Bahia. Fui levado por muitas leituras em torno do tema, contatos, participação no seminário “Caboclo Marcelino” organizado pela comunidade Tupinambá, palestras e filmes documentários. Os meus olhares e interesse iam seguindo até a encruzilhada do caminho chegar, aparecer, encontrar; será que nós chegamos até ela ou ela que chega até nós? O fato é que a encruzilhada estava em minha frente; a primeira de outras que viriam/virão nesta caminhada. O que fiz diante das possibilidades? Escolher, mudar, como um navegador muda as coordenadas do trajeto.

Pretendo nesta introdução relatar brevemente as paragens diante da escolha do tema, das questões que foram dando forma ao que agora sinto ser o horizonte do meu trabalho de conclusão de curso e não a justificativa dos desvios ou mudanças, mas elucidar o caminho trilhado.

Diante da encruzilhada a mudança aconteceu devido às leituras em torno das políticas indígenas, que trouxe contato com um documento que me fez estar neste lugar traçado por vários caminhos; o *Relatório Figueiredo*, produzido em 1967 pelo procurador Jader de Figueiredo Correia a pedido do ministro do interior brasileiro na ocasião; o documento havia desaparecido e reencontrado após 45 anos pelo pesquisador Marcelo Zelic no Museu do Índio, no Rio de Janeiro. O relatório indica crimes hediondos e todo tipo de atrocidades cometidas pelos funcionários do extinto SPI (*Serviço de Proteção aos Índios*) contra os indígenas em todo território brasileiro. Este documento me fez refletir e decidir pela mudança do tema. Trilhei o caminho e percebi a possibilidade de trabalhar o documento de forma a visibilizar os

crimes cometidos pelos funcionários do órgão que teria sido criado para intermediar o diálogo entre indígenas em todo território brasileiro e o estado nacional.

O relatório aborda todos os povos indígenas alcançados pelos postos do SPI e neste caso teria que fazer um recorte e trabalhar com um deles. Nos relatos dos crimes o povo Pataxó Hãhãhãe do posto do SPI Caramuru Paraguaçu, localizado no Sul da Bahia, foi citado. Fui elaborando e avaliando uma possibilidade de conhecer o território Pataxó Hãhãhãe.

No início de 2016, através de um trabalho em parceria com a colega Fernanda Souza, como recenseador¹ junto a comunidade quilombola João Rodrigues, localizada na região de Itacaré-Ba, obtive uma possibilidade de pensar uma outra proposta para desenvolver. Permanecemos por quatro dias na comunidade e além dos dados dos relatórios de recenseamento, foram realizados tomadas audiovisuais e fotografias. A vivência com o quilombo João Rodrigues não trarei aqui, cito apenas o despertar a partir deste contato para a realização de um filme documentário e mais uma vez a mudar o tema, do Relatório Figueiredo para a produção de um audiovisual.

Com as filmagens que fizemos na comunidade João Rodrigues imaginei a realização de um documentário com características e questões daquele território. Em um encontro com minha orientadora relatei o desejo de mais uma vez mudar o tema e diante dos acontecimentos a ideia foi aceita. Enviei o material audiovisual e recebi algumas críticas que foram importantes para seguir o caminho que desejava. Os registros fílmicos realizados na comunidade João Rodrigues tiveram alguns problemas técnicos/metodológicos; baixa luminosidade nas tomadas de cena, cortes indevidos em pontos chaves das narrativas devido problemas com a bateria da câmera, enquadramento, ângulos, enfim, erros/aprendizados, dificuldades que foram da máxima importância para a continuidade do trabalho.

Aqui me permitam uma breve digressão no tempo. Em 2014, quando iniciei o curso no Bacharelado em Humanidades me inscrevi num coletivo de cinema o “Cine Debate Malês” a participação me trouxe diversas inquietações por ter acessado documentários etnográficos e filmes diversos. Eu estava participando do núcleo do acervo do Cine e a Professora Cristiane Souza doou o seu acervo pessoal de filmes e documentários o que foi para todos nós uma gigante, fonte de pesquisa, questionamentos e reflexões. Sempre que a encontrava nos corredores da universidade comentava sobre tal filme que tinha visto, ela com toda paciência comentava e me fazia pensar o filme a partir de outros ângulos. Foi assistindo, observando,

¹ O trabalho envolveu atualização dos indicadores de sustentabilidade realizado em 2012 e reavaliados/aplicados em 2016. O proponente desta atividade foi o Instituto Cabruca sediado na cidade de Ilhéus-Ba.

“matutando”, dialogando, “madrugando” que inicio o meu pensar em realizar um documentário e esse desejo me acompanhou para a monografia.

Para que eu chegasse até esse artefato textual e o ensaio fílmico que apresento, tiveram algumas tentativas na construção do trabalho audiovisual com o material que dispunha da Comunidade João Rodrigues.

Numa oportunidade de pré-banca de TCC definida por minha orientadora para avaliar os trabalhos dos seus orientandos, participei com a proposta elaborada com os registros da comunidade João Rodrigues. Editei um curta; o filme trazia as narrativas da Comunidade sobre as relações com o lugar. A intenção do trabalho foi criticada de forma a reavaliar a proposta: rever a intenção e objetivos; fazer novas filmagens se possível, e não foi; não para a mesma proposta do filme apresentado na pré-banca, teria que voltar para a Comunidade João Rodrigues e implicava em custos altos para realizar outras tomadas; ou seja, recurso financeiro. Essa questão foi uma barreira intransponível. Acabei abandonando o projeto para construção do documentário sobre a comunidade João Rodrigues e passei a dialogar com outras possibilidades.

Fui (re)construindo e percebendo as dificuldades que são muitas em realizar um trabalho fílmico. Este seria o desafio e tudo girava em torno da elaboração da proposta. O que me restava, então? Realizar outros registros para recriar o ensaio fílmico. Ressalto que todo o ensaio fílmico que apresentei na pré-banca e apresento como trabalho neste momento, foi realizado por câmeras emprestadas, celular, câmera doméstica e profissional.

As possibilidades de outros registros fílmicos surgiram primeiramente por um trabalho da disciplina de antropologia visual, realizado na comunidade de Passé – Rio do Cunha, município de Candeias-Ba e em seguida pela atividade do *Projeto de Extensão Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos*, ministrada e coordenado respectivamente pela professora Cristiane ,que me fez um convite para registrar em audiovisual algumas narrativas e o cotidiano de moradores da comunidade de Caboto, distrito do município de Candeias-Ba, para realização de um documentário a pedido de alguns moradores da referida comunidade.

Outros registros audiovisuais que compõe este ensaio fílmico vieram das minhas “andarihagens” nas comunidades do município de São Francisco do conde pelo projeto “Memórias Audiovisuais em São Francisco do Conde”, no qual sou bolsista e pesquisador, coordenado pela professora Juliana Barreto Farias, que também contribuiu imensamente na construção deste trabalho.

Arrisquei-me em todos os campos, desde a produção, som, imagens, montagem, adaptações, edição, trilha sonora; recebendo doações de apoio, paciência, entendimento e etc. Sou muito grato às pessoas que me acompanharam nessa aventura.

2 O ROTEIRO

Nunca houve roteiro; não um roteiro prévio, escrito, mesmo depois das filmagens para este ensaio fílmico. Mental certamente. Idealizei e passei a ver o filme em construção no ato de pensar o filme, um pensar sensível; o tema, o que e como mostrar, o cenário, a montagem, etc. Revelo o fazer deste ensaio fílmico: *Grande Mar Interior*, que é construído por registros fílmicos derivados de diferentes experiências com períodos e intenções diferentes. O que fiz foi unir esses registros e montar um diálogo com o material. Isso não quer dizer que não reconheço a importância do roteiro para um trabalho audiovisual.

Vejo a necessidade do roteiro, principalmente para longas metragens; é de extrema importância para a pessoa que comanda a verba do filme, pois, um roteiro prévio, pode controlar as tomadas de cenas em comum local, mas que estão em tempos diferentes no filme, evitando duplo deslocamento, custos, etc. A construção/utilização do roteiro norteia o filme, revela a potencialidade do trabalho para os financiadores, avaliadores e para a equipe realizadora.

Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim (SOARES, 2007, p. 21). Essa ordem no meu ensaio fílmico foi realizada de forma artesanal/mental, os registros fílmicos das comunidades que coloco em diálogo é fruto do querer fazer, da intuição, do perceber, das leituras acerca do tema, das conversas com professores e colegas, participação, interesse, esforço, cooperação, amor pelo que se está fazendo. Trago como exemplo a “luta” para conseguir o programa de edição profissional que utilizo basicamente, foram horas na madrugada, tentando instala-lo e utilizá-lo. Foram semanas assistindo aulas em vídeo para iniciar edições, muitas dificuldades. Meu roteiro poderia ser esse pequeno fragmento da minha trajetória para chegar até este simples ensaio que apresento como trabalho de conclusão de curso.

3 O ENSAIO FÍLMICO

Grande Mar Interior: relatos artesanais em audiovisual na Baía de Todos os Santos.

No artefato textual do trabalho audiovisual, abordo um diálogo/reflexão entre os relatos do ensaio fílmico e o termo “*lugares – mundos*” (CARDOSO, 2016) como lugar de imbricamentos de vidas, coisas, criando relações e atividades diversas que foram e são geradoras na vida da comunidade. Essas atividades, engajamentos, permitem perceber os eventos dentro de um recorte temporal nos relatos que marcam e formam os *lugares – mundos*. Também considero a realização do registro fílmico através da perspectiva da descrição fílmica, conforme Annie Comolli (2009 apud FREIRE; LOURDOU, 2010). Por esta linha revelo subjetivamente o que encontro para diálogos no ensaio fílmico *Grande Mar Interior*.

O que tento como possibilidade de diálogo entre os relatos dos sujeitos no ensaio fílmico *Grande Mar Interior* e o termo “*lugares – mundos*”, vieram da leitura da tese de doutorado “*Paisagens em transe - uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal*”, de autoria do Thiago Mota Cardoso, indicada para leitura e pesquisa durante conversas com o professor Rafael Palermo Buti na disciplina ofertada por ele chamada: “Diálogo de Saberes com Quilombos”, no trimestre da integração 2017/UNILAB e também pesquisas posteriores a leitura da tese citada acerca dos temas.

Os relatos, no audiovisual *Grande Mar Interior*, foram tecidos com fios de diversas texturas, relações e movimentos; estão tramados num *fragmento – mundo*; a Baía de Quirimurê, invadida no início do século XVI e nomeada pelos invasores de **Baía de Todos os Santos**. Ela abriga as comunidades, Caboto, Rio do Cunha e Quilombo Dom João que estão mostradas no audiovisual.

As bases iniciais da pós-invasão e exploração/expansão da Baía de Quirimurê foram construídas por extermínio de grande parte da população nativa, estabelecimento de plantações de cana, com formação de engenhos para produção de açúcar destinados a exportação, plantações de fumo, produção de alimentos para suprir a demanda das localidades que foram surgindo no seu entorno e por mão de obra escravizada dos nativos e populações negras africanas.

Em torno dos engenhos, que aglutinavam de uma considerável de mão-de-obra, seja diretamente ocupada no fabrico, seja nas plantações ou nas profissões subsidiárias (carpinteiros, marceneiros, mecânicos, serralheiros, etc.), formavam-se aglomerações de casas que deram origem a vilas e cidades (SOUZA, 2001).

Das três comunidades que estão no ensaio fílmico duas delas estão entrelaçadas no contexto citado por Souza (2001), Caboto e Rio do Cunha – Passé, distritos de Candeias-Ba, possuem uma história de surgimento com características análogas. As formações destes lugares estão vinculadas ao estabelecimento de engenhos e ação religiosa.

Notícia da comunidade de Caboto data de 1550, implantação e construção dos engenhos Caboto e Freguesia (MENDONÇA, 2011). Caboto em 2010 possuía uma população de 1580 habitantes.

A comunidade de Rio do Cunha está contida em Passé, considerada um dos maiores distritos de Candeias e aglomera outras comunidades como Mucunga, Gamboa, Roça Grande, Ponto de Quinta e Querente, com população aproximada de 5.888 habitantes. Sua formação liga-se a sesmaria do Passé doada por Mem de Sá a Companhia de Jesus.

Na segunda metade do século XVI, os padres da Companhia de Jesus receberam de Mem de Sá a sesmaria de Passé, para que iniciassem a ocupação, após a expulsão dos índios Tupinambás. No século XVII Passé já era uma sesmaria de importância, com muitos canaviais, vários engenhos construídos e uma igreja de grande porte dedicada a Nossa Senhora da Encarnação do Passé, localizada na Fazenda Boa Vista do Amaral – Mucunga (MENDONÇA, 2011).

A comunidade Quilombola Porto Dom João configura um território formado por pescadores, agricultores e marisqueiras representantes da segunda e terceira geração dos ex-trabalhadores da Usina Dom João, Fazenda Engenho D'água, Engenho de Cima e Engenho de Baixo. Estes ex-trabalhadores são remanescentes dos escravizados e tem como marco histórico a Igreja do Monte Recôncavo:

Em Porto de Dom João, o processo de ocupação territorial se dá através do marco histórico, como a Igreja de Nossa Senhora do Monte Recôncavo, com cerca de 460 anos, construída com trabalho escravo, inclusive por escravos das quatro fazendas da região: Fazendas D. João, Fazenda Engenho D'água, Fazenda do Dico e Fazenda Engenho de Baixo (UNIVERSIDADE..., 2015).

Após o fim do trabalho escravo muitas famílias permaneceram trabalhando nas fazendas durante várias gerações e utilizavam os mangues próximos e todo o entorno para sobreviver e morar, pois os trabalhadores com idade avançada eram expulsos das fazendas quando não serviam mais para o trabalho (UNIVERSIDADE..., 2015). Atualmente a comunidade está estabelecida numa área que sofreu aterro realizado pela Empresa Estatal Petrobras nos meados do século XX e possui aproximadamente 54 famílias que sobrevivem da agricultura, pesca e mariscagem.

Toda a área de mangue e entornos que é utilizada hoje pela comunidade quilombola Porto Dom João era lugar de refúgio e sobrevivência dos escravizados quando escapavam do trabalho e dos castigos nas fazendas (UNIVERSIDADE..., 2015).

Com a formação das comunidades no entorno da Baía e das Ilhas cresce a demanda de alimentos, materiais e uso dos recursos disponíveis, para suprir as populações locais. Muitas relações internas foram formadas por diversas atividades ligadas a agricultura, mariscagem, pesca, transporte náutico de mercadorias e pessoas, fabricos de produtos artesanais, etc, que se desenvolveram – e em alguns casos chegaram a beira da extinção; após as estradas e automóveis, exemplo é o caso dos saveiros para transporte de mercadorias no interior da Baía. São estas atividades e seus movimentos que aparecem nos relatos do ensaio fílmico. Percebendo uma data recorte, podemos alcançar em alguns relatos visualizações destes “lugres – mundos” próximos aos meados do século XX até os dias atuais.

O ensaio *Grande Mar Interior* não tem intenção de realizar uma descrição fílmica continuada, (COMOLLI, 2009 apud FREIRE; LOURDOU, 2010) um aprofundamento na vida cotidiana através da observação fílmica. Diversos trabalhos fílmicos realizados com intenção continuada são referências para a antropologia fílmica (FRANCE, 1998) como os trabalhos de Robert Flahert *O homem de Aram* (1934) e *Nanook* (1922). O trabalho fílmico que proponho relaciona com uma descrição fílmica fragmentada (COMOLLI, 2009 apud FREIRE; LOURDOU, 2010).

“Descrever com a ajuda do filme consiste em apresentar, de forma continuada ou simplesmente de passagem, uma pessoa, um grupo humano, uma atividade ou um conjunto de atividades, um lugar, um momento, etc.” (COMOLLI, 2009, p. 31 apud FREIRE; LOURDOU, 2010).

A visualização audiovisual das atividades, movimentos e relações do ensaio fílmico nas comunidades de Rio do Cunha, Caboto e Porto Dom João baseia-se nesta possibilidade da descrição fílmica fragmentada, dialogando com o termo “Lugares – mundos”.

Cohumpreendem-se aspectos desse diálogo formados através dos fragmentos fílmicos, relatos que fazem parte da vida dos personagens. O termo vincula-se ao conceito de “Paisagem” pensada por Tim Ingold, visto que o autor Thiago Mota Cardoso, citado neste trabalho, e, no qual dele trago o termo “Lugares – Mundo”, utiliza em suas referências bibliográficas, o autor Tim Ingold, desta forma, entrelaça o conceito de Paisagem, com o termo Lugares – mundo. Segundo Cardoso, lugares revelam-se dos emaranhados de coisas e vidas performando uma materialidade [...] todos fazem um lugar, inclusive os não-humanos. E

mais, “emergem a partir do entrelaçamento entre heterogêneos modos de vida – de animais, minerais, [...] santos, árvores, terra, mandiocas; onde o humano é apenas uma parte [...] na polifonia dos diversos ritmos temporais” (CARDOSO, 2016a).

Um lugar construído por humanos e não humanos relacionando-se em meio a uma linha de fronteira entre matéria, cultivo, esforço físico e intelectual que é rompida e encaixam-se para uma continuidade. Na utilização do mangue por Dona Rita para o sustento percebemos que o fio tecido pelo sururu é entrelaçado com o fio traçado por ela, imbricam-se e constituem parte de um *lugar – mundo*. É neste ponto que podemos pôr possibilidades reflexivas para tratar sobre manejo sustentável, direitos das marisqueiras, coisa que não seria o objetivo neste trabalho. Estes entrelaçamentos contam algo numa percepção sensível, que cada fio é parte de um processo que não se esgota ali naquele momento, instante. As conexões vão além, liga-se com outras que estão presentes ou não, com o próprio lugar. Neste sentido, as conexões que formam os *lugares - mundos* são diversas, conflituosas em alguns casos, cito como exemplo o relato de D. Joca, liderança da Comunidade Dom João, que em 2007 luta com a prefeitura local para impedir a derrubada de casas e outras formas de violências na tentativa de retirada da comunidade para construção de um *resort*. Estas conexões e relações entre comunidade e outros também são partes de fios que constroem e estabelecem lugares – mundos.

Um lugar é constituído de muitos lugares performados por diversos movimentos. Um mundo que se apresenta na percepção da experiência: Não “o que é o mundo”, mas como o mundo materializa-se a partir da prática de muitos atores que o habitam, encontram-se e relacionam-se corporeamente (CARDOSO, 2016a, p. 502).

Podemos perceber *lugares–mundos* também a partir da noção de paisagem pensada por Tim Ingold que não é uma paisagem percebida pela estética, conforme nos informa Bailão a seguir:

Desenvolvida por Tim Ingold (1948) ao longo de sua obra, a partir da leitura de etnografias variadas, e de trabalhos de ciências humanas, naturais e da filosofia - em particular dos trabalhos de Jakob von Uexküll (1864-1944), Martin Heidegger (1889-1976), James Gibson (1904-1979) e de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) - , a noção de paisagem (*landscape*) é pensada a partir de inúmeros processos que se verificam na passagem do tempo, na forma de registros duradouros de vidas e da atividade de gerações de seres, incluídos aí seres humanos, animais e plantas, assim como ciclos geológicos e atmosféricos (BAILÃO, 2016).

A pesca de calão, uma espécie de rede confeccionada artesanalmente com fios de material sintético que é lançada ao mar e arrastada, formando um cerco induzindo os peixes a

rede; o toque do búzio na praia em Caboto Candeias, avisando a população local que as canoas estavam chegando com pescados para abastecer a população; o uso do barco saveiro para levar mercadorias de Caboto até a Feira de São Joaquim em Salvador; a maré, as bombas que matam os peixes, os ventos no mar, a história do peixe espada, que arrastou pescadores pelo mar e foram salvos pela fé, a representação do peixe na praça local, o caso da venda do peixe – espada em São Francisco do Conde, o abastecimento de pescados, a igreja matriz, a nomeação do padroeiro local na Comunidade de Rio do Cunha em Passé- Candeias, a tarefa de costurar redes de pesca; Dona Rita, marisqueira e sua vida nos mangues para o sustento; a solidariedade, todos estes movimentos, relações, atividades, desenham lugares – mundos; paisagens que, [...] “em seus termos, não indica um mundo externo e acabado, independente dos seres que o habitam, tampouco imagens ou ideias sobre ele. Nós os produzimos, tanto quanto somos produzidos por ele, por meio de processos materiais e cotidianos (BAILÃO, 2016).

Dialogando *Lugares – mundos*, percebemos através dos registros fílmicos, formas materiais, imateriais, atividades, relatos, sentimentos, a relação da vida humana e não humana local, seus engajamentos, movimentos e tessituras. Esse perceber vai além do mensurável acessível a um olhar sem questionamentos do que esses *lugares – mundos* nos informa. A vida-atividade dos relatos nos faz apreender relações que vieram ao longo dos séculos ritmando o cotidiano da comunidade por imbricações que estão na construção de paisagem, pensada a partir do conceito de Ingold.

A vida material é tecida na paisagem, assim como paisagens são tecidas em vida, em um processo contínuo e interminável (CARDOSO, 2016b). Podemos verificar o caso do peixe – espada que foi capturado por pescadores da comunidade de Rio do Cunha – Passé. Este evento que ocorreu por volta de 1948 tem um imbricamento com a nomeação da capela da comunidade; a efígie do peixe na praça central do lugar e com a Igreja Matriz Nossa Senhora da Encarnação. Estes movimentos, constituídos no passado, atualmente estão presentes, representados por ícones e relatos, fazendo perceber a formação de paisagens, *lugares – mundos*.

Os imbricamentos das relações nos lugares – mundos estão abertas a possibilidades de reflexões interdisciplinares. O conceito de lugares – mundo e a ideia de paisagem, de certa forma, revela o que está subjacente nas atividades percebidas, visualizadas, no ensaio fílmico, para compreensão da diversidade ameaçada/extinta por modernização produtiva, exclusões,

invisibilidade e violências diversas que, neste trabalho, não serão expostas, apenas indicar fissuras que possam questionar e contribuir para um mundo diverso, justo, sustentável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o caminho percorrido para realização deste trabalho, as incertezas, mudanças, fizeram-me conhecer, pessoas, opiniões, afirmações, dores, lugares, vidas etc., por e através das leituras e dos deslocamentos. Vidas que se entrelaçaram com outras e destes entrelaçamentos, mundos foram desfeitos, dilacerados ou (re)construídos de forma violenta ou pacífica, continuados, garantindo a sobrevivência. Certamente, as incertezas para definir o tema do meu trabalho abriram possibilidades para o aprendizado e foi parte desta construção.

As incertezas me fizeram construir um audiovisual para este trabalho sem roteiro prévio ou pós, mentalmente construir as imagens pensando de que forma ficaria melhor no momento da filmagem ou até mesmo momentos antes delas acontecerem. Esse desafio de não escrever um roteiro me faz pensar nos imponderáveis que constituem a própria vida. As filmagens de um documentário como este, prevalecem às ideias que surgem no contato.

Considerando uma descrição fílmica passageira, capaz para apresentar um conjunto de atividades, um lugar etc. (COMOLLI, 2009 apud FREIRE; LORDOU, 2010), fundamentei nesta possibilidade para desenvolver a montagem dos relatos no ensaio audiovisual, que propus como trabalho de conclusão de curso. Estas imagens vieram de diversos deslocamentos que foram acontecendo devido, atividades acadêmicas que fizeram parte da minha formação enquanto discente do curso bacharelado em humanidades.

As comunidades que estão envolvidas neste trabalho constroem seus entrelaçamentos por diversas atividades em comum, cito a pesca, mariscagem, agricultura, resistências e outras relações/atividades que constituem os “lugares – mundo”; lugares que são marcados pelas ações e entrelaçamentos diversos, durante uma trajetória que é contínua e incrustada no viver do lugar.

Os eventos na comunidade são formadores dos lugares – mundo. Como exemplo, observando a relação da pescaria do peixe-espada na comunidade de Rio do Cunha, o nome dos pescadores que estavam envolvidos e a fé, destes, com a vida da comunidade, percebemos os entrelaçamentos tecidos por humanos e não-humanos significando o lugar. As possibilidades do pensar e (re)criar envolvem diversas atividades que vão imbricando-se ao longo do tempo. O nome do Padroeiro e da capela local na comunidade é imbricado com o evento da pescaria do peixe-espada que ocorreu em 1948. Pensando que toda comunidade, povo, nação, civilização em determinado momento nomeou e nomeiam, quando necessário, seus lugares e coisas, ligados aos acontecimentos locais, observando as relações diversas entre

animais, plantas, espíritos etc. Cada lugar nomeado tem uma especificidade histórica daquele lugar ou não; imbricamentos, como um telhado sendo formado por diversas telhas sobrepostas, ligadas significando a vida local.

A reflexão do conceito “lugares – mundo” traz possibilidades para pensar as relações multifacetadas que estão além do simples olhar no âmbito amplo - social dos lugares. Lugares experimentados através deste conceito percebe-se a polifonia dos diversos ritmos temporais (CARDOSO, 2016a).

No relato de Seu Hamilton, podemos perceber o uso da embarcação a vela como possibilidade de transporte. Relações/atividades que desenharam os “lugares – mundo” e num fluxo de tempo, o uso da embarcação a vela na Baía de Todos os Santos, foi extinta, depois da abertura das rodovias e estradas.

Do relato, faz refletir questionamentos entre outros. O uso destas embarcações para transporte de pessoas e mercadorias seria possível num mundo que o imediatismo das relações comerciais são prioridades? Quais benefícios trariam o uso deste tipo de transporte? Inovação em produção de energia limpa poderiam substituir as velas para propulsão destes? As rodovias e estradas superlotadas, acidentes automobilísticos, altos custos de manutenção das estradas, exploração de recursos naturais, etc; sistematicamente pensando, teríamos melhor qualidade de vida com o uso destas redes fluviais? As possibilidades do pensar e criar envolvem diversas atividades que vão imbricando-se ao longo do tempo (re)formando paisagens. Concordando com Tim Ingold, essas paisagens nos contam algo, estão repletas de informações que perduram no tempo.

Estas reflexões possíveis na visualização do ensaio fílmico, pensando o conceito “lugares – mundo” desdobra-se em pontos diversos e interdisciplinares. Os relatos trazem especificidades locais, que de certa forma faz pensar outros “lugares – mundo” que dividem algo em comum.

Referências

BAILÃO, André Sicchieri. Paisagem – Tim Ingold. In: MARQUES, Ana Claudia Duarte Rocha et al. (Eds.). **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>>. Acesso em: 15 maio 2017.

CARDOSO, Thiago Mota. **Paisagens em transe**: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. 2016. 524 f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

_____. Por uma antropologia imersa na vida. **Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais, n. 21, 2016.

CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima; PEREIRA, Cláudio (Orgs.). **Baía de Todos os Santos**: aspectos humanos. Salvador: EDUFBA, 2011. 600 p.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e roteiro de cinema**: da pré-produção à pós-produção. 2007. 25 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia**. Tradução Marcius Freire. Campinas: Ed. Unicamp, 1998. (Coleção Repertórios).

FREIRE, Marcius; LOURDOU, Phillipe (Orgs.). **Descrever o visível**: cinema documentário e antropologia fílmica. São Paulo: Estação Liberdade, 2010. 320 p.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceitos, linguagens e práticas de produção. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012. 124 p.

SOUZA, Cristiane. **Aspectos gerais da história da Baía de Todos os Santos**. [S. l.]: [S. n.], 2001.

MAN of Aran. Direção: Robert J. Flaherty. Produção: Gaumont-British Picture. Intérpretes: Colman Rins, Massie Oirrane, Michael Oillane, Pac Mullin, Patch Ruaoh e outros. Roteiro: Robert J. Flaherty. [S. l.]: Gaumont-British Picture, 1934. (73 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rIWYXnxz968>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

MATHIAS, Ronaldo. **Antropologia visual**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016. 168 p.

MENDONÇA, Frederico A. **Projeto para Implantação do Parque do Engenho Freguesia – Museu do Recôncavo Wanderley Pinho**. Salvador: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 2011. 70 p.

NANOOK of the North. Direção: Robert J. Flaherty. Produção: Revillon Frères. Roteiro: Robert J. Flaherty. [S. l.]: Pathepicture, 1922. (78 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v-dQbuW4kY4>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Grupo de Pesquisa Geografar. Departamento de Geografia. **Relatório Preliminar**: Comunidade Negra Rural Porto do João. São Francisco do Conde – BA. Salvador, 2015.